

PUBLICIDADE

ALDEIAS PEDEM AJUDA CONTRA CORONAVÍRUS: 'A SENSACÃO É DE QUE SOMOS INVISÍVEIS'

Vulnerabilidade de comunidades acende alerta para risco de genocídio de povos indígenas; autoridades monitoram 13 casos suspeitos de infecção

João Paulo Saconi e Marlen Couto

31/03/2020 - 11:31 / Atualizado em 31/03/2020 - 17:24



Valéria Paye, integrante do povo Kaxuyana, no Pará, e assessora política da Coordenação das Organizações Indígenas Brasileiras (COIAB) Foto: Reprodução



CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Suspeitas de infecções pelo novo **coronavírus** em indígenas, além de relatos sobre duas confirmações em índios no Amazonas, materializaram as preocupações de lideranças, estudiosos e autoridades de saúde em relação ao avanço da pandemia de **Covid-19** sobre as **aldeias brasileiras**. O rápido ritmo de contágio do novo “invasor” acende o alerta diante da vulnerabilidade desses povos, que têm modo de vida coletivo mais suscetível à propagação da doença. Outro complicador é a dificuldade de acesso ao tratamento em casos graves, o que aumenta o risco de genocídio de comunidades nativas, semelhantes aos registrados em epidemias ao longo da História.

Boletins epidemiológicos divulgados pela Secretaria Especial da Saúde Indígena (Sesai), subordinada ao Ministério da Saúde, apontam que até esta segunda-feira havia 13 casos suspeitos de infecção entre indígenas acompanhados pela pasta nas cinco regiões do Brasil. Os casos relatados como confirmados na região do Alto Rio Solimões, no Amazonas, no entanto, ainda não aparecem nas estatísticas oficiais e teriam ocorrido após o contato de pessoas da **aldeia Tikuna** com um médico infectado da própria Sesai que atua no sudoeste do estado, nas proximidades da fronteira brasileira com o Peru.

- [Em uma manhã, cemitério de SP tem 19 enterros](#)

O temor de que o vírus faça vítimas entre os Tikuna os colocou em isolamento

os indígenas brasileiros. A Coordenação das Organizações Indígenas Brasileiras (COLAB) teme um agravamento da situação.

Equipe médica que chegou em Santo Antônio do Içá para monitorar indígenas após confirmação de casos de coronavírus no Amazonas Foto: Secretaria de Saúde de Santo Antônio do Içá

"É uma região com população numerosa e estamos todos muito preocupados. Foram tomadas as providências de isolamento, mas e agora?", questiona Valéria Paye, membro do povo Kaxuyana, no Pará, e assessora política da COIAB: "Estamos tentando sensibilizar as autoridades para que construam junto com a gente protocolos para os desdobramentos (da pandemia). A sensação é de que somos invisíveis."

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Em nota, a SESAI informou que os testes dos indígenas Tikunas foram coletados na última terça-feira e os resultados ainda não foram divulgados oficialmente. A

pasta também afirmou que está monitorando "todos os indígenas que mantiveram contato com o médico", embora nenhum deles apresente sintomas.

#FICANAALDEIA

Na tentativa de isolar os territórios, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) tem repassado às aldeias recomendações básicas contra o contágio. A principal delas é evitar completamente o contato com não-índios. A segunda, direcionada a índios que se ausentaram de seu território, pede que eles permaneçam onde estão para não colocar em risco os membros da tribo. Para a conscientização, foi criada a campanha “#FicaNaAldeia”. O recado tem sido espalhado predominantemente via WhatsApp.

- [Médica brasileira em hospital italiano: 'Não podemos subestimar coronavírus'](#)

O médico sanitário Douglas Rodrigues, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que trabalha com populações indígenas, reforça a necessidade de isolamento, ainda que não seja uma tarefa simples.

"A forma de viver das aldeias é compartilhada. São casas com muita gente, com compartilhamento de objetos, é uma cultura coletiva. Sem querer comparar as aldeias às favelas, mas é um comportamento semelhante, que faz parte da cultura. É um terreno favorável e potencial de transmissão, vai ser gasolina e fogo. Se o vírus entrar na aldeia, é genocídio", diz Rodrigues, que lembra as mortes causadas por doenças levadas por não indígenas em expedições durante a ditadura militar, na década de 1970.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Mulheres da etnia Tikuna carregam bandeira do Estado do Amazonas em evento realizado em Manaus em setembro de 2011
Foto: Ricardo Moraes / REUTERS

O risco é reconhecido tanto pela Sesai, junto da Saúde, quanto pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Nas últimas semanas, os órgãos têm emitido informes técnicos, publicado portarias e disparado ofícios na tentativa de aumentar a proteção às aldeias. A avaliação de lideranças indígenas, porém, é que faltam agilidade e eficiência às medidas.

PREVENÇÃO NAS ALDEIAS

Um comitê de crise foi instituído pela Sesai na terça-feira passada, duas semanas após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar pandemia do novo coronavírus e dez dias após os primeiros casos de transmissão comunitária no país. Um ofício destinado a todo o Subsistema de Atenção Indígena (SasiSUS) começou a circular há apenas uma semana, orientando a necessidade de

quando o governo federal sinalizou o primeiro nível de alerta para o vírus. Também há atraso na elaboração de um plano de contingência para indígenas: o documento que a Sesai disponibilizou às lideranças e também ao GLOBO ainda carrega o selo de “versão preliminar”.

"A crise do coronavírus comprova que as terras indígenas são vistas apenas como uma moeda de troca. O Estado não nos enxerga e não nos vê como indivíduos com direitos sociais. Só vê os nossos territórios para explorar o quanto puder, tirar o valor econômico, que é o que mais importa para o atual governo", afirma Valéria, em referência ao projeto do governo de Jair Bolsonaro que pretende regulamentar a exploração econômica em terras indígenas sem depender do aval dos nativos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

As investidas contra esses territórios preocupam tanto a APIB quanto acadêmicos, que enxergam como possíveis vetores do novo coronavírus os grileiros, madeireiros e garimpeiros que invadem reservas para executar suas atividades ilegais e podem acabar tendo contato com indígenas. A projeção é considerada completamente possível, ainda que a Funai tenha determinado a suspensão à concessão de autorizações de entrada nas terras indígenas. Pesquisadora da Fiocruz e da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), Ana Lúcia Pontes defende que os indígenas precisam ser entendidos como grupos vulneráveis e de risco na pandemia, assim como vem ocorrendo com idosos e pessoas com comorbidades.

"Todos estamos suscetíveis a esse vírus, mas historicamente as epidemias tiveram impacto grande em grupos indígenas. São agrupamentos menores, em geral com centenas de pessoas, com modo de vida muito próximo. Então, questões sociais e históricas colocam essa população em situação de risco. Tem a ver também com a desigualdade da saúde no Brasil, com acesso a saneamento. As taxas de desnutrição, anemia, tuberculose e malária são mais acirradas em populações indígenas. A gente não sabe como vai ser o comportamento desse vírus", diz a médica.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

AUSÊNCIA DE UTI

Além das condições sanitárias, outro fator que amplia o risco é a dificuldade de acesso a tratamento em casos graves decorrentes de covid-19 que exijam UTIs e respiradores. No Amazonas, há leitos disponíveis apenas em Manaus, de acordo com dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), do

Detecus

O cuidado da saúde dos indígenas é feito por meio dos chamados Distritos Sanitários Especiais (DSEI), que somam 34 pontos de apoio em todo o país. Eles possuem unidades básicas de saúde e abrigam os chamados polos bases e as Casas de Apoio à Saúde Indígena (CASAI), que não possuem UTIs. Isso quer dizer que, em casos graves, indígenas precisarão ser levados para hospitais da rede pública “comum” ao procurarem tratamento para o novo coronavírus. Os Tikunas, atendidos pelo Distrito Sanitário do Alto Rio Solimões, quase na fronteira com o Peru, estão a 1.100 quilômetros de distância dos leitos de UTIs mais próximos, na capital. Se não for feita de avião, a viagem pode durar mais de quatro dias de barco.

Leia também:

- [Sem poder sair da África, casal de Niterói aguarda por ajuda: 'situação angustiante'](#)
- ['Não consegui me despedir', diz filha de primeira vítima do coronavírus em Goiás](#)
- ['Fiquei com o corpo destruído', diz médico e atleta recuperado de coronavírus](#)
- ['Ele entrou na UTI e não saiu mais', diz mulher de empresário morto por coronavírus em Joinville](#)
- [Empresas se comprometem a evitar demissões durante a pandemia](#)
- [Funcionárias da Fiocruz doam cestas básicas para moradores de Manguinhos](#)
- [Epidemia de coronavírus adia quatro operações da Lava-Jato no Rio](#)
- [Pais e bebê de três meses no MS estão isolados após testarem positivo para coronavírus](#)